

## UMA NOVA DIMENSÃO NO ROMANCE BRASILEIRO (\*)

Osório Alves de Castro

Senhores professôres, estudantes e meus senhores:

Prezo ganhar a estima de vós todos na interpretação desta guerrilha. De um guerrilheiro dêste irrequieto e itinerante mundo literário, onde ânsias sobre-humanas assenhoram-se de todo e para a existência sem fim dos seus participantes.

Sinto-a desde minha meninice entranhar nos meus sonhos, a ocorrência de um curso regular, e logo participei do impossível, agitando-se nas contradições entre o desejo e a realidade que ainda pairam sôbre a mocidade brasileira abandonada.

Procurei resistir e só me foram dados os recursos do autodidatismo, e tive de esbarrar nos penosos conflitos do ser-ou-não-ser dos conhecimentos.

Se bem que êste alargue vastas oportunidade à contemplação, a pesquisa resultante é recessiva às dúvidas, que sômente as disciplinas universitárias regularizam entre as coisas, os sêres e o pensamento.

A insubmissão contra o marginalismo levou-me à intimidade das leituras demoradas, de tudo que a inteligência e a vida podiam me oferecer. E me deram o seu leite, e o seu mel, chegando então ao limite emocional onde os "livros às mãos cheias" do poeta não eram sômente uma ternura recreativa do espírito.

---

(\*) — Damos aqui à estampa uma conferência do escritor marliense Osório Alves de Castro, pronunciada em nossa Faculdade a 6-5-63, em atendimento a um convite da Subcomissão Estadual de Literatura de Marília.

Como se verá, trata-se de documento de grande importância para a compreensão de *Pôrto Calendário*, romance com o qual Osório Alves de Castro estreou na Literatura Brasileira.

Mais do que sentir, tornou-se um convite à expressão: era o meu destino mirando as dimensões da vida onde há sempre uma porta aberta atraindo seus afeiçoados.

Em 1923 emigrei para São Paulo e filiei-me clandestinamente voluntário à Semana de Arte Moderna. Trazia da minha velha Bahia textualista a identidade num sonêto e num hino em que cantei a minha cidade natal.

Atendi ao chamado da juventude paulistana, e no meu nôvo âmbito municipal, escrevi versos e artigos. Entre êles, um sofreu violenta reação, dada as influências do “garconismo” de após-guerra, insinuando “as vantagens das mulheres que trabalham nos cafêzais, cortar os cabelos”.

Vivíamos neste tempo uma sociedade onde o acesso à opinião devia-se a uma conciliação entre os donos do saber e as conveniências do poder.

O entusiasmo da Semana de Arte Moderna, desfrutando uma dependência verbativa, circunscreveu-me entre os sonhos e a euforia da transformação universal.

Algo de extraordinário começou a acontecer. Às valorizações por decreto delirou a cornucópia generosa do enriquecimento galopante, e numa concepção esportiva os “records” da prosperidade cafeeira embriagaram tôdas as vontades... Cedendo-me à prática, o imaginário foi tragado melancolicamente; os visionários da Semana, agregados ao alto funcionalismo e às promoções políticas, encostaram a lira dos poetas e secaram a ninfa dos prosadores.

Segregado, à margem das competições, contemplei através do fundo de minha agulha — por onde já tinham passado os camelos bíblicos — as paisagens do meu mundo tumultuoso. Tive a visão compensadora do amor da paternidade, desfilando entre as raianças da memória, por onde a trajetória das águas missionárias do meu Rio de São Francisco passaram para dar de beber às terras flageladas.

Através de sua acústica ouvi o canto maravilhoso do trabalho levando as riquezas e o bem-estar para as cidades e as metrópoles.

A linha parou, entupiu o fundo da minha agulha de alfaia-te, mas deixou-me diante da paisagem de treva, onde relâmpagos da tempestade localizavam os vultos andantes do desespêro.

Era a grande crise econômico-financeira do ano de 1929, uivando o caso consumado.

Suas conseqüências trouxeram as matanças e o desalento!

E a todos desajustes acudiu o velho e generoso chamado da terra providencial: era o Sertão — Anteu revertendo o destino fatal da tragédia dos deuses gregos.

O mesmo Sertão vindo dos fundos das idades, misterioso e prometedor, atraindo para suas reservas a messe das esperanças; gerando na imensidade a fôrça criadora de todos os sumos do Universo: o tempo e o espaço; franqueando aos delirantes a miragem das pedras falsas, e aos fortes a decisão de resistir e consolidar para os dias a virem a paz e a liberdade.

Marília era o marco avançado dêste imenso e mesmo Sertão continuando.

Nós, os naufragos da grande catástrofe, partimos todos para aqui: — sonhadores, abnegados, os falidos e os espertos; as família numeross e os solitários, ansiando recomeços individuais; homens, mulheres, velhos, atraídos pelo milagre da recuperação; artesãos e comerciantes, as grandes misérias e as virtudes silenciosas para serem acolhidos no amparo da terra virgem vertendo das glebas férteis substâncias da vida.

E o trabalho criador estendeu-se e deu-nos nos ângulos dos telhados o agasalho urbano, e foi pelos espigões, pelas baixadas, crescendo na germinação das lavouras e na realidade da abastança.

Marília era a revivência sem fim, presente em tudo como antigamente, “a denunciar que para o Sertão está voltada constantemente a alma coletiva como a agulha imantada para o polo magnético”.

Aqui tomado pela arrebatção consciente, perguntei a mim mesmo a respeito do meu drama de escritor:

— Será pecado se contar as estrêlas do céu?

E a voz do Sertão patriarcal vindo do fundo de minha gênese respondeu: — Um livro é um filho que o Universo põe em nossas entranhas, e tem que nascer. Nasce ou nos mata.

A história de um livro, por mais insignificante que seja, é um episódio da história da literatura do seu país, e se não interessa aos leitores e aos críticos, pelo menos conforta o autor pela participação que deu à cultura da sua terra.

Quando fiz o lançamento de **Pôrto Calendário**, antevia a inaceitação que êle receberia, não só por tratar-se de um caso estranho, de que participava a condição do autor à margem das letras, como a certas particularidades literárias oferecidas aos afeiçoados do romance.

Apesar da insubmissão característica das suas expressões, e do genésico do seu conteúdo, **Pôrto Calendário** não ganhou uma popularidade generalizada, mas vem desfrutando um certo interesse por antever na sua composição isto que o escritor francês Mauriac chama de maneira de facilitar, pela fidelidade, a aproximação dos sentimentos humanos.

Escrito pensadamente, atendendo a um tema do povoamento, acostumo chamá-lo de romance de comunidade, isto é, de viver suas expressões em diversas dimensões que, situadas em histórias apartes, prendem-se a um encadeamento de posições que tomei aos rios engrunhados nas cordilheiras, vencendo grandes distâncias e saindo abaixo, com os mesmos peixes, as mesmas águas, dando à vegetação ribeirinha o mesmo colorido, e às flôres o mesmo perfume. Esta imagem lírica de unidade, corresponde ao auto-poético de onde desentranhei o título que o apresenta, e repete-se no folclore do São Francisco dizendo:

Êsse Pôrto das Calendas  
Boas dádivas vai mandar:  
Um punhado de sementes,  
Liberdade prá valer,  
Paz e terra com nascentes  
Muitas vacas parideiras  
E um filho prá ninar!

---

Indiscutivelmente, o debate sôbre a linguagem está aberto em **Pôrto Calendário**. E' um advento, não só como propulsão aglutinadora de fôrças anônimas, como por ser uma dignidade do pensamento dos seus próprios personagens. Em uma tentativa de romance de comunidade, a preferência de singularização é uma estruturação básica — onde a seqüência disciplinada das imagens deixa de existir. Sucedem-se nas diversas histórias as expressões como movimentadoras do drama em trânsito pelas emoções humanas.

Sabemos que na região do São Francisco, como entre todos os povos que têm um passado demorado de isolamento, a língua é um instrumento produtor de relação e sobrevivência. Simplifica-se e evolui em proporções de utilidades, e estas vão desde coisas domésticas até à persistência instintiva liberando o pensamento.

Nelas vão se juntando a fôrça dos sentimentos que se dividem em acontecimentos cujos registros moldam-se em diversas dimensões, — a poesia, a prosa, o teatro e a música, nas suas variedades universalizadoras.

Precisam, como a vida, falar em tôdas as pessoas. E' um meio natural de levar a consciência realista dos assuntos a um sentido estético e fiel das coisas.

Sinto aí, na afirmação da existência, uma opção às múltiplas relações que criam o estilo e sutilizam no tema a centralização sem os artifícios das verossimilhanças e privativistas...

Foi no enfoque complexo dêste conjunto que realizei **Pôrto Calendário**.

Satisfaz-me, a respeito, abusar da atenção de vós todos.

Quando Guimarães Rosa lançou o **Grande Sertão: Veredas**, o país inteiro o recebeu espantado gritando: é um absurdo! E' uma invenção! Ouvi mesmo um velho intelectual dizer ser uma blasfêmia.

Outros, estonteados pela revelação, removeram a glória de Joyce para as terras do Urucuaia e plantaram-na monumentalmente no delírio das abstrações e das crises de heteronímia.

Para mim foi um chamado. Passei por cima dos meus complexos de puritanismo da velha Bahia, onde as travadas da

Réglica e da Tréplica ressoavam purificando as leis, que seriam empregadas em homens de quem arrancavam a alma, e segregaram-lhes no abandono e na miséria para justificar uma preponderância de eleitos. Ouvi e atendi à linguagem de um escritor falando para o Universo, com a sua audácia, o seu gênio, a mesma linguagem que ouvi em minha casa, em minha cidade, e dos habitantes do grande vale, atualmente visto pelos “experts” do desenvolvimento, caçadores de dividendos, como um simples episódio de trânsito. Encorajei-me à apresentação. O Rio de São Francisco é uma liberdade, e em 1945 tinha terminado **Pôrto Calendário** como uma tarefa de consciência do meu drama de escritor anônimo, e senti que estava sozinho.

Apesar de certas configurações, não existe paralelo entre **Pôrto Calendário** e o **Grande Sertão: Veredas**, a não ser as afinidades léxicas e as de aspectos complementares na descrição do ambiente exterior.

Nas dimensões, **Pôrto Calendário** sugere minha auto-suficiência: o personagem principal não empresta função impressionante ou alegórica, conhecida desde o conto grego até a ficção dos nossos dias, onde o indivíduo absoluto ou condicional fronteira o espetáculo e o vincula às comoções do seu próprio destino.

Orindo Brotas, presente nos tempos das diversas histórias, é simplesmente uma conseqüência irreplicável, da mesma pedra angular de uma mensagem coletiva onde as afinidades maternas, matrizes de nossa unidade nacional, são um vértice épico de valores reunidos. Uma elipse, digamos, de continuidade onde se situa Paraguaçu e Bartira, vividas em tôdas semelhanças.

Outra particularidade que tentei atender foi a de procurar que todos os personagens sejam válidos. Nisto parece existir um fundo de primitivismo, mas num país em consolidação e transformação ao mesmo tempo, o primitivo satisfaz à exigência histórica do pensamento, e às necessidades dos povos.

Encontramos nesta dimensão de **Pôrto Calendário** a tia Gatoná, João Imaginário, Mamédio Brotas, os Alfonsos, a Escola

de Mestre Otílio, onde êste pobre menino do Jesus Cristo, pequeno Cirineu, tomado pela graça de honrar pai e mãe, valeu-se do artesanato, e, destruído pela maldição, sofreu a desesperança, ativada pela dúvida angustiosa levada à alma da criança. Ou mesmo dêste Dr. Santos Cunha, letrado e mistificador, que nunca pôde apagar com sua sabedoria um ódio centenário entre clãs. Mas, no dia em que um acontecimento estranho feriu o caráter primitivo dos velhos inimigos e confraternizaram-se, para justificar sua participação, Dr. Santos Cunha saudou-os cantando a Marselhesa em francês. Não é caricatural, e sim um teste entre as dimensões das imagens, aculturando-se.

São criaturas vivas transitando ou sitiando-sé pelas indagações liberadas de preconceitos de forma, das metodizações da sintaxe, para que a literatura não seja um virtuosismo de taxidermistas, aparentando a vida pelo ganho dos artificios.

Os meninos de Santa Maria da Vitória, quando engrossavam as vozes diziam ou escreviam nos muros: “No ano que vem caminho de Ribeirão Preto me tem”. Era o Brasil refletindo na pobre cidade distante. Êste sentido, aliás permanente em **Pôrto Calendário**, junta à comunidade a incumbência de unificação. Também a tragédia de Cipriano acendedor de lampião, de sua mangueira onde a fome dos filhos jamais deixou amadurecer os frutos. Vítimas de um envenenamento alimentar, reviviam nos frutos maduros diante da cidade espantada, enquanto o velho levava-os e atirava-os ao rio, gritando pelos nomes dos filhos da terra espalhados pelo país inteiro, única cintilação dentro da sua loucura dolorosa.

São também personagens entre certas posições e participantes do enfoque monologal as barcas, as ferramentas de produção, e o arvoredado, atraídos à cena numa maneira de prender o leitor em ajustes interiores e recepções do cotidiano.

Passarei agora a um confronto literário em cuja demonstração procuro ser acessível às diferenças de um motivo específico, onde a dimensão reflete seus participantes em relação ao significado.

Apresentarei a peste, num sentido múltiplo dimensional em **Pôrto Calendário**, em paralelo com um romance psicológico e um outro de polêmica.

Antecedo com o nosso Machado de Assis.

Para Brás Cubas, no seu diálogo de Adão e Eva, a peste foi sua libertação deformando a face impura da mulher que lhe inspirou o primeiro amor. Prêso a uma lembrança indesejável viu na sua alucinação o fenômeno reproduzir-se no rosto de outra mulher querida, e o acompanhou como um conforto pela vida dissoluta, alimentando com o tédio o prazer de ignorar a si e aos seus semelhantes.

No romance **A Peste** do escritor francês Albert Camus, o bacilo da bubônica viveu inofensivo entre a população da cidade laboriosa até o dia em que se inoculou num rato, e invadiu a urbe otimista com a morte e a desolação.

A tese sustenta uma definição pessimista, e explica-se na sua filosofia de que a peste, como a guerra, se inocula no despota e prende-se a uma fatalidade inevitável do sofrimento humano.

O confronto define-se claramente entre o romance do indivíduo absoluto, o da análise sentenciosa e o da comunidade em transformação. Neste, tanto a peste como a guerra, foi um acontecimento transitório e nunca total. Total era a morte, e as criaturas tinham mil maneiras de morrer, — ali como em tôdas partes do mundo. O velho Pedro Voluntário da Pátria, o mais singular dos seus personagens, apesar de todos os sofrimentos, debatia, resistindo “Felizmente as crianças ainda nascem em Santa Maria da Vitória”.

Concluindo, desejaria que minha explicação referente a uma técnica, que por coincidência ou teima, é uma experiência literária, continui com as surpresas que a crítica vem reservando à obra do escritor.

Existe, em **Pôrto Calendário**, uma diversidade dimensional, procurando aproximar-se da minha sensibilidade de procura.

Filtra e atende pela introspecção, os entendimentos progressivos nas relações do pensamento. Seus personagens procuram viver e encontrar tanto na dimensão histórica, socioló-



gica, filosófica, moral e sobretudo humana, de sua vivença. Não é um romance regional, onde a primazia paisagista e detalhista se conclui entre a conjetividade da recreação.

Dentro da mesma concepção tenho dois romances em término. Um, **Nhonhô Pedreira**, saga bárbara de criadores de gado, recuperado e transitado pela minha sina de escritor, um primitivo da clã arrastado à atualidade. Outro chama-se **Baiano-Tietê**. Um romance de São Paulo, onde a integração dos grupos nacionais se transforma e ganha um polarizador do assunto, vertente do confronto de dois testamentos primitivos: um seiscentista da vila de São Paulo de Piratininga, outro atual de um criador de muares numa fazenda isolada na região do São Francisco. Em todos o abuso das dimensões é uma liberdade do meu pensamento e da minha arte, como tentativa atuante por uma literatura brasileira.